

Editorial

São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida

– Milton Nascimento, “Encontros e despedidas”

O sentido consensual de parto está ligado ao nascimento. A vida intrauterina cessa para uma nova experiência: separação do corpo mãe e filho. Há também a possibilidade de entender a palavra “parto” como “eu parto”, expandindo-a para um novo percurso na perspectiva do bebê que inicia uma nova fase nesse caminho. A partir desse primeiro parto, quantos outros poderão vir a ser ao longo da existência humana?

A sequência com a palavra “partidas” implica uma nova experiência. Se a ampliarmos, ainda, para ressignificações, a matriz do nascimento – separando o bebê do corpo da mãe – se reinventa na trajetória humana quando se impõe a necessidade de construir uma identidade sem se perder na alteridade: estar junto, imerso em ligações que sustentam continuidades e, ao mesmo tempo, apresentam potencial de separação e discriminação suficiente para vislumbrar a existência do outro e a possibilidade do novo.

Nos versos singelos que abrem este texto, do poeta nascido carioca, mas criado em Minas Gerais, o olhar psicanalítico (re)encontra a célebre frase freudiana: “há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos teria feito acreditar”.^[1] Essa citação nunca mais foi a mesma depois da leitura transformadora de Bion, que tornou a ideia de cesura um instrumento clínico fundamental para a psicanálise, ao nos propor “investigar a cesura; não o analista; não o analisando; não o inconsciente; não o consciente; não a sanidade; não a insanidade; mas a cesura, o vínculo, a sinapse, a (contra-trans)-ferência, o humor transitivo-intransitivo”.^[2]

O tema do volume XII, nº 1, da revista *Berggasse 19*, de 2022, propôs aos interessados expandir a polissemia das palavras, cabendo o primeiro sentido, literal, para outras partidas e releituras em múltiplos vértices – o enfoque no paradoxo

1. Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição standard das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 20. Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)* (J. Salomão, Trad.; pp. 81-171). Imago. (Trabalho original publicado em 1926). p. 137.

2. Bion, W. R. (1981). Cesura (M. T. M. Godoy, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977). p. 136.

considerado, tolerado, mas nunca resolvido da passagem que, ao unir, separa e, ao separar, torna-se ligação.

A experiência dos últimos dois anos compartilhada por toda a espécie humana parece provocar uma estranha e aguda consciência de passagem, de termos deixado de ser o que éramos para um vir a ser ainda informe – estamos vivendo o “entre”, a ligação, pausa e continuidade de forma indissociável. Entre sustos e aprendizados, o convite presente sempre foi ao criativo, ao novo, mesmo que isso signifique perdas insuspeitas. Nascendo e morrendo, partindo para (re)encontrar, parindo algo de nós mesmos que ainda estamos por descobrir. Fomos lançados para uma nova condição de vida, com inúmeros desafios, estranhamentos, e convidados a uma retomada que, ao ser vivida, marca o encontro com um familiar e, ao mesmo tempo, o estranhamento de um novo informe.

A escrita tem se constituído, cada vez mais, em um espaço de expansão de muitos nascedouros e morredouros com todos os estágios intermediários entre eles: de formações, definições, ampliações, contestações, aferições, aprofundamentos e transformações. Considerando o trânsito entre partos e partidas, contamos com a riqueza das observações de vários colegas em diferentes vértices. Os artigos aqui compartilhados nos trazem reflexões, questionamentos, investigações do pensamento psicanalítico e contribuições teórico-clínicas com o intuito de abrir para novas pesquisas, e visam fertilizar novas ideias.

Thaís Helena Thomé Marques, no artigo “Sobre a metaobservação: da sensorialidade ao pensamento”, propõe que a base das observações psicanalíticas parte da sensorialidade em direção à não sensorialidade até chegar ao mental. Desenvolvendo conjecturas a respeito de sistemas de observação, aproxima-se da ideia da multidimensionalidade da mente, utilizando como analogia o holograma. Tem como proposta a experiência em curso no encontro entre duas mentes, na ruptura de simetria, que denomina de “encruzilhada”. O leitor irá acompanhar a autora pelo pensamento complexo no caminho da observação.

Em “Comentário ao filme *È stata la mano di Dio*, de Paolo Sorrentino: a trajetória pessoal entre catástrofe e fé”, Anne Lise S. Scappaticci, Paolo Scappaticci e Luca Trabucco partem do filme autobiográfico de Sorrentino para refletir sobre a capacidade de sustentar a turbulência emocional e a catástrofe por meio da fé. Um trabalho sensível em que os autores habilmente entrelaçam o filme, a mitologia da cidade de Nápoles e a teoria de W. R. Bion.

Com sensibilidade, criatividade e clareza, Sandra Matoso Trombetta Quintans, em seu artigo “A terceira margem do rio: sobre as vicissitudes do luto na clínica contemporânea”, recorre a um conto de Guimarães Rosa como metáfora, à psicanálise e a alguns pensadores da cultura contemporânea como substância, e a fragmentos de sua clínica como ilustração, para propor reflexões importantes para a contemporaneidade e apresenta sua posição sobre as vicissitudes do luto na clínica dos nossos dias. Ficam evidentes os objetivos propostos em relação ao “luto” e ao rito de passagem. Para o

leitor, instaura-se, em meio a um mundo recente de instabilidades, uma direção, no sentido de respeitar a dor, sem a ilusão de opacificá-la via paliativos que roubam do humano o movimento de travessias.

Eva Maria Migliavacca, com o intenso “O processo da reparação na dinâmica transferência-contratransferência”, preenchido de ideias teóricas bem articuladas com a clínica, traz a experiência longa e penosa vivida por uma paciente que precisou encontrar equilíbrio psíquico suficiente para dar lugar ao processo de reparação. Entre conflitos e desencontros, conseguiu-se um ajuste emocional do par analítico, viabilizando um vínculo de confiança e permitindo um aprofundamento da análise. Além disso, a autora aponta cuidadosa e delicadamente para as complexidades e potencialidades do campo transferencial-contratransferencial.

Na sessão “Infância e Família”, contamos com três trabalhos que apresentam os desafios e a delicadeza do olhar para o infantil:

O primeiro, “Transformações das experiências”, traz as considerações da autora Sonia Maria Mendes Eleutério Mestriner sobre as transformações da experiência emocional, que podem seguir ou contrariar uma direção de crescimento positivo dependendo da possibilidade da personalidade de lidar com a falta do objeto. Apresenta algumas correlações, propostas por Bion, de realizações matemáticas com as transformações, exemplificadas pelo caso clínico de uma criança.

Em seguida, o artigo “‘Pêlo colo, me colo? Pelo colo, des-colo?’: sobre o nas-Ser de uma criança com transtorno do espectro autista”, de Helga S. M. Quagliatto, parte de uma delicada experiência de colagem sensorial de pele a pele para nos convidar a acompanhar o gradual nascimento e reconhecimento da pele como um envelope psíquico no atendimento de uma criança de 3 anos com transtorno do espectro autista, com terrores pré-verbal, pré-imagético e pré-conceitual ante situações traumáticas de separação.

A sessão finaliza com o artigo de Alicia Beatriz Dorado de Lisondo, “SOS Brasil: desafios do atendimento emergencial com um menino no espectro autista”. Aqui a autora faz uma reflexão sobre os alcances e limites do trabalho emergencial de uma criança autista dentro de uma perspectiva psicanalítica, lançando várias questões: como fundamentar psicanaliticamente um trabalho emergencial? Como levar à comunidade a experiência clínica e o conhecimento adquirido na prática privada? Como exercer nossa responsabilidade social e ética com bebês, crianças e adolescentes em sofrimento psíquico?

Já na seção “Psicanálise em Língua Portuguesa”, temos a republicação do artigo “Por que a crueldade?”, de Betty Bernardo Fuks, que compôs um número especial da revista *Trieb* – “Português: língua e existências” –, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Doze anos após sua publicação original, o artigo continua atual e nos traz a possibilidade de reafirmar a vocação desse espaço em nossa revista para a apresentação de reflexões sobre o compromisso ético da psicanálise em relação ao social, especialmente em tempos de guerra. No percurso entre partos e partidas,

lidamos humana e continuamente com “a luta imbatível entre dois gigantes: o amor e a morte”, nas palavras da autora lembrando Freud.

Nosso agradecimento especial à atual editora da *Trieb*, Magda Rodrigues Costa, e à autora, que gentilmente, e em espírito de cooperação científica, autorizaram a republicação.

E no “Conversando com” desta edição, recebemos Alicia Beatriz Dorado de Lisondo, uma argentina que encontrou em terras brasileiras a possibilidade de cultivar uma vida e a psicanálise. Seu olhar ultrapassa as fronteiras do consultório particular e envolve trabalhos nas áreas da adoção e do autismo, além da atuação, mais recentemente, na tragédia de Brumadinho e no projeto SOS Brasil. Com um amplo conhecimento da teoria psicanalítica, Alicia transita por Freud, Klein, Winnicott, Bion e pela escola francesa para discutir a estruturação da subjetividade do bebê na relação com as funções parentais.

Com essas escritas diversas, a revista *Berggasse 19*, seguindo como uma casa brasileira para a psicanálise no interior do país, abre espaço para pontuar e registrar passagens significativas. Desejamos a todos uma boa leitura!

Alessandra Paula Teobaldo Stocche

Josiane Barbosa Oliveira

Regina Cláudia Mingorance de Lima

Editoras associadas e coeditora